

OBRA	AUTOR	DESCRIÇÃO
01	LUCAS ARRUDA <i>Sem título</i> , 2015 Óleo sobre tela 24 x 30 cm	<i>Lucas Arruda (São Paulo, 1983) vive e trabalha na cidade de São Paulo. Seu trabalho dialoga com a tradição da pintura de paisagem de forma íntima e subjetiva, cujos produção é marcada por pequenas telas centradas no tema. Apresenta horizontes difusos e atmosferas sutis, entre mar, céu e neblina, onde vai além da representação, criando experiências sensoriais e contemplativas. Explora os limites entre figuração e abstração em suas obras, a repetição de formatos e temas reforça um caráter meditativo, quase silencioso, convidando o espectador a uma observação atenta.</i> <i>Fonte: https://www.cobogo.com.br/lucas-arruda</i>
02	PAULO PASTA <i>Sem título</i> , 2013 e 2014 Óleo sobre papel 24 x 33 cm	<i>Paulo Augusto Pasta (Ariranha, São Paulo, 1959) é pintor, desenhista, ilustrador, professor. Destaca-se pela investigação da cor na pintura contemporânea. Cria obras abstratas com paleta cromática reduzida. Explora variações tonais e atmosferas densas. Suas formas geométricas surgem de maneira sutil ao olhar atento. Constrói espaços entre horizontes e obstáculos visuais. Embora seja amplamente reconhecido por suas abstrações geométricas e campos de cor, o tema da paisagem marcou tanto o início de sua trajetória quanto um retorno significativo em fases mais recentes.</i> <i>Fonte: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/3017-paulo-pasta https://almeidaedale.com.br/artistas/paulo-pasta/</i>
03	MARINA RHEINGANTZ <i>Jardim Botânico</i> , 2011 Óleo sobre tela 160 x 210 cm	<i>Marina Rheingantz (Araraquara/SP, 1983) cria pinturas de grandes dimensões que misturam figuração e abstração. São paisagens sutis, que parecem escorrer, com delimitação de formas mais fluidas, corpos de tinta volumosos que sobressaem à tela junto a uma gestualidade bem marcada. Ao longo da carreira, caminhou para a desconstrução da paisagem. Aproxima-se da abstração com elementos de ficção e memória. Seus trabalhos dialogam com questões políticas e identidade nacional. Produz imagens que evocam fluidez, efemeridade e vestígios do real.</i> <i>Fonte: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/30708-marina-rheingantz</i>
04	CÁSSIO VASCONCELLOS <i>Trilha Laranjeiras - Ponta Negra</i> , 2020 Jato de tinta sobre papel algodão, 1/3 75 x 112 cm	<i>Cássio Campos Vasconcellos (São Paulo, 1965) é fotógrafo com carreira iniciada em 1981. Recebeu prêmios como APCA (2002) e Conrado Wessel (2011). Sua produção artística se destaca pela criação de espaços imaginários e de ficções a partir de elementos da realidade. Seu trabalho ultrapassa os métodos tradicionais da fotografia documental, criando uma linguagem experimental voltada à crítica da sociedade contemporânea. Tem diferentes poéticas como as fotografias aéreas, outras que mostram o excesso de produtos disseminados no nosso cotidiano, assim como imagens com formas arquitetônicas. Nesta fotografia Trilha Laranjeiras - Ponta Negra, o artista traz uma paisagem onde mostra a exuberância da natureza.</i> <i>Fonte: https://cassiovasconcellos.com.br/ https://naraoesler.art/artists/cassio-vasconcellos/</i>
05	CLAUDIA ANDUJAR <i>Figueira</i> , 1973/2006 Fotografia 112,5 x 161,5 cm	<i>Claudia Andujar (Neuchatel, Suíça, 1931) é fotógrafa e ativista suíço-brasileira. Desde os anos 1970, dedica-se à defesa dos povos Yanomami. Sobrevivente do nazismo, adotou o Brasil como pátria em 1955. Sua obra denuncia o genocídio indígena e a exploração de territórios. Aborda temas como garimpo ilegal e contaminação dos rios amazônicos. Colocou a fotografia a serviço da natureza e dos direitos indígenas. Reelabora seus negativos desde os anos 1970, em constante reinvenção. Sua fotografia nunca se fecha como documento fixo; é reaberta ao presente como linguagem viva.</i> <i>Fonte: https://pinacotecadoceara.org.br/exposicoes/claudia-andujar-minha-vida-em-dois-mundos/</i>
06	MARIO CRAVO NETO <i>Deus da cabeça</i> , 1988 Fotografia em P&B 2/25 100 x 100 cm	<i>Mario Cravo Neto (Salvador/BA, 1947-2009) foi fotógrafo, escultor e desenhista. Os campos de atuação do artista se integram em suas produções: fotografia e escultura se influenciam mutuamente, criando com frequência relações surpreendentes entre corpos e objetos. Integra diferentes linguagens, criando relações entre corpos e objetos. Artista rigoroso e sistemático, encontrou em temas como a natureza, o povo da Bahia, o candomblé e a religiosidade o material de que se nutriu para produzir fotografias que o tornaram conhecido internacionalmente.</i> <i>Fonte: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/749-mario-cravo-neto</i>
07	KAYA AGARI <i>Série Flutuante 2</i> , 2023 Pigmentos naturais variados (urucum, jenipapo, açafraão, imbirici) sobre tecido de algodão cru Dimensões variáveis	<i>Kaya Agari (Cuiabá/MT, 1986) pesquisa os grafismos do povo Kurâ-Bakairi. Sua obra explora dimensões materiais e imateriais dessa cultura. Inspira-se na pintura corporal Kywenu, ensinada por anciãos. Esses grafismos, baseados na natureza, indicam papéis sociais distintos. Agari também atua na preservação e transmissão desses saberes e é co-organizadora do Instituto Yukamaniru, voltado às mulheres indígenas. Promove ações culturais e educativas para jovens Kurâ-Bakairi. Destaca-se ainda por exposições que valorizam a produção coletiva de seu povo.</i> <i>Fonte: https://archabox.com/designer/kaya-agari</i>

OBRA	AUTOR	DESCRIÇÃO
08	RIVANE NEUENSCHWANDER E CAO GUIMARÃES <i>Inventory of small deaths (blow)</i> , 2000 Vídeo Super 8 transferido para digibeta e DVD (NTSC), preto e branco 6/8, 5'12"	<i>Rivane Neuenschwander (Belo Horizonte/MG, 1967) cria obras a partir de materiais cotidianos e percebíveis. Explora o efêmero com elementos como especiarias, cascas, poeira e insetos. Suas instalações sugerem processos de decomposição e transformação. Utiliza fotografia e vídeo para registrar o transitório. Cao Guimarães (Belo Horizonte/MG, 1965) atua entre cinema e artes visuais. Seu trabalho observa o cotidiano, abordando tempo, memória e deslocamento. Juntos, investigam poéticas do efêmero e da percepção no vídeo Inventory of small deaths (blow), acompanhando uma bolha em movimento sobre uma paisagem tropical. Em looping, o filme mostra a bolha mudando de forma sem estourar, adiando indefinidamente seu fim e conferindo permanência ao que é passageiro. A obra suspende o instante da ruptura, prolongando o passageiro. Propõem uma reflexão sobre permanência e transformação no tempo.</i> <i>Fonte: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/5810-rivane-neuenschwander https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/5212-cao-guimaraes</i>
09	THIAGO ROCHA PITTA <i>Danãe nos jardins de Górgona ou Saudades da Pangeia</i> , 2011 Vídeo 2/5, 15'	<i>Thiago Rocha Pitta (Tiradentes/MG, 1980) desenvolve uma obra em íntima relação com a natureza. Seus trabalhos tratam a natureza como coautora. Explora processos naturais, tempo e transformação da matéria. No vídeo Danãe nos jardins de Górgona, experimentamos uma temporalidade estendida ao observarmos um feixe de mel deslizar entre pedras, rumo ao oceano. A obra evidencia contrastes entre fluidez e solidez. Além dos vídeos apresentados na exposição o artista possui ainda uma larga produção de pinturas e aquarelas, sempre buscando na linguagem estados poéticos para a matéria e suas mutações.</i>
10	Youth , 2008 Vídeo, 14' 4/6	
11	Mapa temporal de uma terra não sedimentada # 2 , 2015 Vídeo 1/5, 2'50"	<i>Fonte: https://www.premiopipa.com/pag/artistas/thiago-rocha-pitta/ https://almeidaedale.com.br/exposicoes/saudades-da-pangeia/</i>
12	VÉIO (CÍCERO ALVES DOS SANTOS) <i>Sem título</i> , s/data Madeira 62 x 37 x 97 cm	<i>Cícero Alves dos Santos (Sergipe, 1947) é escultor autodidata em madeira. Conhecido como "Véio", inspira-se em lendas e memórias da cultura sertaneja. É uma figura importante da arte popular e contemporânea brasileira. Utiliza troncos, raízes e pedaços de madeira encontrados na natureza, respeitando formas e texturas naturais, revelando figuras já presentes no material. Trabalha com ferramentas simples, como canivete. Suas obras transitam entre o figurativo e o abstrato. Cria seres híbridos e fantásticos que evocam memória e imaginação.</i> <i>Fonte: https://galeriaestacao.com.br/pt-br/artista/7/veio</i>
13	PAULO NAZARETH <i>Sem título</i> , da Série "Objetos para tapar o sol de seus olhos", 2011 Impressão fotográfica 2/5 + P.A. 90 x 60 cm	<i>Paulo Sérgio da Silva (Governador Valadares/MG, 1977) é um artista performático conhecido por suas andanças ao redor do mundo. Seu trabalho questiona os limites da performance como linguagem artística: não se constitui pelos objetos que produz, mas pelo comportamento do próprio artista. Constrói leituras críticas sobre lugares, objetos e costumes, e articula narrativas que tensionam discursos socioculturais. Leva o corpo e a experiência para o espaço expositivo, onde seu próprio corpo carrega questões de raça, classe e história, sendo elemento central da obra.</i> <i>Fonte: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/29403-paulo-nazareth https://www.premiopipa.com/pag/paulo-nazareth/</i>
14	VIK MUNIZ <i>Angélica (Aftermath)</i> , 1998 Cópia fotográfica por oxidação de corantes 2/10 177,8 x 121,9 cm	<i>Vicente José de Oliveira Muniz (São Paulo, 1961) é um artista plástico, cujo trabalho se caracteriza pela exploração de diferentes materiais, voltadas para a sustentabilidade, como alimentos, algodão, materiais recicláveis, cabelo, arame, serradura, pó, terra, dentre outros. Aftermath é uma série de fotografias onde os temas das imagens são crianças em situação de rua no Brasil, com quem o artista colaborou para realizar o trabalho, convidando cada participante a encontrar imagens, com as quais se identificasse, em livros de história da arte. Cada criança foi fotografada posando no estilo da imagem escolhida, e Vik Muniz então recriou os retratos utilizando materiais recolhidos das varrições de rua após o Carnaval no Rio de Janeiro, montados sobre uma mesa de luz antes de serem fotografados e produzidos como impressões.</i> <i>Fonte: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/2553-vik-muniz</i>

OBRA	AUTOR	DESCRIÇÃO
15	NARA GUICHON <i>Ninho, 2023</i> Reúso de redes de pesca oxidadas com pó de ferro e vinagre, arame galvanizado, enchimento de sobras de roupas de descartes da indústria da moda, enrolamento de fios	<i>Nara Guichon (Santa Maria/RS, 1955) é artista têxtil, designer e ambientalista. Vive e trabalha, desde 1983, em Florianópolis/SC. Sua atividade está alicerçada em três eixos: práticas manuais com fios, a exemplo do tricô, do crochê, do bordado e do tear, valorizando saberes artesanais; reaproveitamento e sustentabilidade, promovendo o consumo ético e consciente; respeito ao meio ambiente, participando de atividades de recuperação da Mata Atlântica. Ela utiliza redes de pesca industrial, material resistente e poluente, na criação de suas obras. A partir do reaproveitamento, propõe consumo ético ao transformar resíduos em novas possibilidades artísticas.</i> <i>Fonte: https://www.naraguichon.org/</i>
16	ZÉ CARLOS GARCIA <i>Cadeira, 2010</i> Escultura em penas e mobiliário	<i>Zé Carlos Garcia (Aracaju/SE, 1973) vive e trabalha no Rio de Janeiro/RJ, é artista visual formado pela UFRJ e pela Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Sua produção escultórica cria seres híbridos e insólitos. Combina elementos como madeira, plumas, móveis e partes orgânicas. Dessa junção originam-se híbridos e suas obras evocam insetos, pássaros e corpos fragmentados. Explora o estranhamento e o fascínio do público diante dessas formas. Trabalha temas como corpo, poder, ruína e efemeridade. Utiliza materiais encontrados, naturais ou artificiais. Sua poética questiona a permanência e propõe transformações constantes.</i> <i>Fonte: https://www.casatriangulo.com/pt/artists/105-ze-carlos-garcia/</i>
17	DANIEL STEEGMANN <i>Masks, 2012</i> Folha de cabotã-de-leite e folha de ouro	<i>Daniel Steegmann Mangrané (Barcelona, Espanha, 1977) vive e trabalha no Rio de Janeiro. Sua obra dialoga com cosmologias indígenas ameríndias. Investiga padrões visuais ligados a práticas religiosas e rituais. Utiliza folhas de plantas importantes para diferentes comunidades indígenas. Essas espécies possuem funções alimentares, medicinais, simbólicas e rituais. Realiza desenhos em ouro sobre as folhas, unindo natureza e intervenção artística. As folhas escolhidas pertencem a espécies importantes para comunidades indígenas, usadas na alimentação, medicina e rituais, além de ligadas a narrativas e lendas. Na série <i>Masks</i>, o artista explora geometria, materialidade e percepção, questionando forma, superfície e representação.</i> <i>Fonte: https://mam.rio/programacao/composicoes-para-tempos-insurgentes-daniel-steegmann-mangrane/</i>
18	ERNESTO NETO <i>Venus Quarts Paff, 1997</i> Cimento de gesso e tecido tubular de poliamida	<i>Ernesto Neto (Rio de Janeiro, 1964) é um artista conhecido por esculturas e instalações imersivas. Utiliza técnicas artesanais, como o crochê, criando estruturas flexíveis e interativas. Seus trabalhos ativam os cinco sentidos com elementos botânicos, ervas e especiarias. Constrói membranas, redes e invólucros baseados em gravidade e equilíbrio. Seus trabalhos mantêm sempre uma relação com a natureza, seja por meio de suas fisionomias biomórficas, seja no caráter interligado dos elementos que compõem seus espaços. Cria ambientes multissensoriais pensados para serem percorridos e habitados. Suas obras promovem encontro, troca e reflexão. O público é parte ativa, integrando-se às instalações como presença viva.</i> <i>Fonte: https://fdag.com.br/artistas/ernesto-neto/</i>
19	ACELINO SALES TUIN - MAHKU (MOVIMENTO DOS ARTISTAS HUNI KUIN) <i>Txain Punkte Ruaken, 2021</i> Acrílica sobre tela	<i>Acelino Sales Tuin (Jordão/AC, 1975), MAHKU, é um artista indígena de 47 anos que começou a pintar aos 8 anos, inspirado pela natureza e pelos animais. Acompanhava o tio no corte da seringueira, onde surgiram suas primeiras referências. Hoje integra o MAHKU, movimento de artistas Huni Kuin do Rio Jordão. Passou a pintar as músicas ancestrais ligadas ao ritual da ayahuasca. Suas obras trazem figuras humanas e não humanas em tramas gráficas complexas. Inspiradas nas mirações, rompem com regras ocidentais como perspectiva e proporção. Refletem a cultura, os mitos e a dimensão espiritual de seu povo.</i> <i>Fonte: https://indigena.art/</i>
20	JAIDER ESBELL <i>Onde surgem os sonhos, 2021</i> Acrílica e caneta Posca sobre tela	<i>Jaider Esbell (Normandia/RR, 1979-2021) foi um artista representativo do povo Macuxi. Sua obra é marcada pela cosmologia indígena e pelas narrativas míticas da Amazônia. Definia sua prática como ativismo, articulando arte, ancestralidade e política. Suas pesquisas envolvem memória, espiritualidade e meio ambiente. Desenvolveu o conceito de txáismo, baseado em relações afetivas interculturais. Onde surgem os sonhos aborda memória, território e identidade indígena. A obra investiga o sonho como espaço de origem e saber ancestral, e apresenta os sonhos como conexão coletiva entre humanos, natureza e espiritualidade.</i> <i>Fonte: https://galeriajaideresbell.com.br/jaider-esbell</i>

OBRA	AUTOR	DESCRIÇÃO
21	SANDRA CINTO <i>Sol Amarelo, 2008</i> Acrílica e caneta permanente sobre MDF	<i>Sandra Regina Cinto (Santo André/SP, 1968) é pintora e gravadora, atuando também como professora. A partir do desenho, exercita-se na instalação e na escultura. Em suas obras, os desenhos convidam o público a mergulhar em paisagens oníricas, evocando o sublime e imagens da natureza. Grandes murais contrastam com o ambiente ao redor, estabelecendo relações com o espaço. "Tudo o que faço vira paisagem. A relação com o céu, o mar e a montanha está sempre no meu trabalho. Acho que, por morar num lugar onde não tem paisagem, faço as minhas paisagens."</i> <i>Fonte: https://mam.rio/artistas/sandra-cinto/</i>
22	FRANS KRAJCBERG <i>Composição, 1978</i> Madeira lustrada	<i>Frans Krajcberg (Kozienice, Polônia, 1921 - 2017), artista naturalizado brasileiro, foi pioneiro na integração entre arte e meio ambiente. Seu trabalho está profundamente ligado ao ativismo ecológico. Ao percorrer biomas brasileiros, ampliou os materiais e sentidos de sua obra. Na Amazônia, impactou-se com as queimadas e a devastação ambiental. Passou a utilizar troncos e resíduos naturais como protagonistas. Construiu uma produção singular ao longo de mais de seis décadas. Trabalhou com elementos como cipós, raízes e madeira. Articulou arte, natureza e denúncia ambiental em sua poética.</i> <i>Fonte: https://masp.org.br/exposicoes/frans-krajcberg-reencontrar-a-arvore</i>
23	ANDRÉ KOMATSU <i>Sem título # 7 Série Soma Neutra, 2009</i> Drywall, grafite, corretivo branco e madeira	<i>André Komatsu (São Paulo, 1978) vive e trabalha em São Paulo. Sua obra propõe saídas para o fluxo convencional do cotidiano. Investiga possibilidades de evasão nas relações entre o homem e seu entorno. Também tensiona os limites do próprio suporte técnico. Na série <i>Soma Neutra</i> utiliza placas de drywall como base. Combina desenho, pintura, escultura e gravura ao escavar e pintar as superfícies. O artista cria sobreposições de camadas interpretativas com tinta acrílica. Seu trabalho aborda o poder e conflitos sociais como matéria-prima central.</i> <i>Fonte: https://galeriavermelho.com.br/artistas/andre-komatsu/</i>
24	JOSÉ BEZERRA <i>Gato, 2008</i> Madeira	<i>José Bezerra (Buíque/PE, 1952) foi lavrador, jogador de carreiras improvisadas, trabalhador braçal, carreiro. Há uns dez anos José teve um sonho em que era chamado a realizar os trabalhos que faz hoje em dia. Utiliza troncos e galhos caídos como matéria-prima. Enxerga previamente formas de animais e figuras na madeira, e escolhe os materiais a partir dessas semelhanças naturais. Sua técnica preserva o desenho original do galho, realizando intervenções mínimas, com entalhes sutis. Revela formas já existentes, sem transformar totalmente o material. Suas obras mantêm a tensão entre natureza e criação artística.</i> <i>Fonte: https://galeriaestacao.com.br/</i>
25	avaf (assume vivid astro focus) <i>Chameleon boy, 2002</i> Adesivo e CD	<i>Assume vivid astro focus (avaf) foi fundado por Eli Sudbrack (Rio de Janeiro, 1968) em 2001. Avaf ocasionalmente se transforma em uma dupla com o artista parisiense Christophe Hamaide-Pierson (Paris, 1973) e às vezes também em um coletivo, dependendo dos diferentes projetos em que estão envolvidos. Trabalha com diversas mídias, como instalação, pintura, vídeo e escultura, também utiliza néon, música, papel de parede e colagens. Sua produção aborda questões de gênero, política e cultura, destacando-se pelo uso intenso de cores e formas. Dialoga com o Tropicalismo e referências contemporâneas, criando ambientes imersivos com estética exuberante e psicodélica. Transforma o espaço expositivo em experiências sensoriais.</i> <i>Fonte: https://www.premiopipa.com/artistas/assume-vivid-astro-focus-avafeli-sudbrack/ https://masp.org.br/exposicoes/antes-vulgar-agora-fino-2011</i>
	Octopus, 2003 Adesivo e CD	Dimensões variáveis
	Japanese Lotus, 2002 Adesivo e CD	Dimensões variáveis
26	JONATHAS DE ANDRADE <i>O peixe, 2016</i> Vídeo 16 mm digitalizado em 2K, cor e som, 5,1/16 mm, transferido para arquivo HD	<i>Jonathas de Andrade (Maceió/AL, 1982) trabalha com fotografia, vídeo e instalação. Sua produção envolve colaboração com comunidades e vozes marginalizadas. Investiga relações entre cultura, natureza e sociedade, principalmente no Norte e Nordeste do país. No vídeo <i>O peixe</i> aborda um ritual de pescadores que abraçam os peixes. No caso específico vemos um tambaqui, peixe tradicional da região muito apreciado na culinária. O gesto mistura afeto, violência e dominação. Explora o limite entre humano e animal como rito de passagem, questiona a ideia de harmonia entre homem e natureza, mesclando ficção e realidade, documento e encenação. Revela relações de poder baseadas em força e controle.</i> <i>Fonte: https://naraoesler.art/artists/95-jonathas-de-andrade/ https://cargocollective.com/jonathasdeandrade/o-peixe</i>